

## CONCRETO DESARMADO - Lembranças imprecisas

(Floris Brito)

.....

### PARA COMEÇAR

Qualquer início está sempre impregnado de uma diversidade, que não explicitaria, nem se quisesse. Mesmo assim, convém ter algo que se tome por começo, a cada vez; como é conveniente um peso de porta, que não abre nem fecha coisa alguma, mas serve para manter aberta a passagem.

Cada vez que vislumbro um ponto que poderia ser começo, ele me remete a outro de antes, ou adjacente; que remete a outro... que remete a outro... até que volto à estaca zero, que é de onde eu teria começado, se não estivesse procurando o início ideal, que não encontro. Assim, o que posso fazer é ir esboçando a partir de pontos quaisquer.

Se importasse saber, categorizar aquilo de que se salpicam as próximas páginas... Se quiser saber se vem a ser realidade ou ficção... O que posso dizer? Invenção, não é. Verdade inteira não poderia ser, pois nada que se conta chega a ser verdade inteira, eu acho. O que sabemos é uma ínfima parte do que há para saber e, no pouco que sabemos, os esquecimentos criam lacunas; por mais que isso varie conforme os indivíduos, e por mais que alguns neguem os lapsos, preenchendo-os, por inocência ou por astúcia. As verdades costumam ter muitas faces, ângulos e, assim, difícil é vê-las por completo; e ainda que chegássemos a ver inteiramente, restaria a dificuldade de fazer com que outros vissem, por meio de nossas palavras, as tais verdades inteiras.

Além disso, tão raras quanto as verdades integrais, são as originalidades plenas; porque os caminhos se entrecruzam, os dizeres se mesclam; cada ser humano está carregado de infinitas interferências e influências.

O que faço, nestas páginas, são arranjos de palavras, conforme o que vai brotando dos traços, talvez indeléveis, que ainda permanecem aqui bem dentro de mim. Todavia, nem tudo que brota vale a pena. Grande parte pode ser nefasta, como bem sabia o *Petit Prince*, que advertia sobre a urgência de arrancar os baobazinhos, logo que fosse possível identificá-los. Algumas memórias bem que deveriam desexistir ou, pelo menos, fazer a gentileza de permanecer adormecidas, poupando-nos de suas aparições inconvenientes.

Convém esmagar alguns abrolhos e, assim, vou desbastando esses feixes, já desinteirados de antemão. Posso dizer que são fragmentos, cacos, cavacos recolhidos do caminho e dos entornos; dizer que os lembrados não se arranjam conforme a linearidade dos acontecidos – com o passar do tempo, a irrelevância da cronologia se torna evidente. Tempos longínquos... o dia de ontem... momentos supostos por vir... este momento aqui... tudo está sujeito a compor um instável mosaico momentâneo em nossa mente.

Assim, o que vem a seguir é um painel composto com retalhos de tramas maiores. São pedaços vividos, presenciados, escutados. Muitos retalhos provêm de tramas alheias, certamente; e posso me equivocar, algumas vezes, acreditando mesmo que tivessem se originado de mim. No entanto, há dizeres sabidamente alheios, os quais me agrada repetir; e outros que, por mais que assomem da memória, empurro de volta para o fundo, enquanto não puder desarraigá-los.

Em suma, hei de me permitir compor este mosaico com peças, que, se não moldei, surgiram, de algum modo, em meu caminho; abstendo-me do tédio infrutífero de tentar elucidar os ecos – de onde vêm e tudo mais.

.....

## Tópico 1

### **CONVERSAS CHUVOSAS**

Chuva mansa e chuva braba; chuva de vento; chuva de pedra; chuva de manga; chuvinha de molhar bobo; chuva de repente; tromba d'água; chuva com sol; chuva só pra esfriar; chuva de dar enchente; chuva despejada; chuva que arma e não vem... Trovão que troveja longe; estalo que assusta; raio que faz estrago; corisco que desenha no ar; céu relampeando sem parar...

Sinais de chuva ... tempo mudando pra chuva... indícios de que, mais hoje mais amanhã, vem chuva por aí – a não ser quando arma e não vem. Aquele ar parado, pesado; de repente, uma aragem balança as folhinhas mais leves, criando bolhas de movimento na copa das árvores. Ou, um vento brando, que vinha mantendo uma mesma direção, toma outro rumo repentinamente. Uns passarinhos que andavam sumidos reaparecem. Uma saracura-três-potes desata a cantar ali no brejo. Lá no pasto, sem mais nem menos, algumas rezes começam a saltar e a correr em pequenas distâncias – muito diferente de quando o gado estoura, por causa de um enxame de abelhas ou sabe-se lá por que razão. São sinais de chuva em tempos secos – porque “em tempo de chuva, qualquer sinal é de chuva”, do mesmo jeito que “para baixo todo santo ajuda”.

E se, ao findar a noite, o dia não clarear?

O tempo pode amanhecer embruscado, com aquela chuvinha coando... quase que nem faz barulho, de vez em quando cessa... e volta... Em certas horas, quase emenda um chover no outro, como se tudo fosse uma chuva só. Mas, quem aprendeu a prestar atenção, percebe a diferença e sabe que um dia chuvoso pode muito bem ser feito de várias chuvas desiguais; e de breves intervalos também.

Um dia embruscado, com chuvinha coando, é mais um dia de comer o ganhado. Se a coisa imbramar, até a tiração de leite tem que ser mais resumida. No curral descoberto, feito com madeira roliça, aquelas porteiras improvisadas com varas que se encaixam uma a uma; arranja um saco de adubo vazio, joga nas costas pra proteger mal-e-mal, tira duma vaca aqui-acolá, solta o resto dos bezerros para mamar; porque o leite dessas vaquinhas é mingüado, não vai passar da conta. Depois, o jeito é procurar alguma coisa pra fazer dentro de casa, ou no paiol.

Pode aproveitar pra debulhar milho, porque precisa de milho debulhado pra muita coisa. Pode separar uma parte desse milho e socar canjica, mais tarde; guardar um pouco pra mandar fazer fubá, depois, em algum vizinho que tem triturador. Pode restolhar milho no paiol: separar as espigas com palha rasgada, num monte, pra gastar primeiro, antes de carunchar; as espigas miúdas noutra monte, pois são melhores para tratar das vacas na seca. Sobra o milho mais graúdo, e com palha boa, para ir gastando até a próxima colheita – tirando um pouco “de planta”, mas este, convém berganhar com algum vizinho, principalmente se for plantar na mesma roça de onde colheu.

O arroz, o do gasto, o que não tiver sido vendido logo depois da colheita, fica despejado lá na tuia, na varanda da cisterna, para ir tirando quando for mandar limpar. Melhor é ter guardado de um arroz que dá três por um – só a terça parte quebrada, quando limpado assim entre as mãos, esfregando uma na outra. Porém, depende do que colheu e dos compromissos feitos para essa colheita. Conforme for, o jeito é largar pro gasto o restolho mesmo – se precisar, até aproveita a soca, que, Deus ajudando de não fazer falta, costuma deixar pra quem tem mais precisão dela. De todo jeito, seja três por um, dois por um, um por um, ou qualquer quierera, não pode é faltar; não pode é descobrir o fundo da tuia até colher e secar o próximo arroz. Se, de tudo, precisar, arranja emprestado com algum vizinho; em último caso, compra lá na cidade, mas é de amargar a boca, porque vendeu barato e tem que comprar caro. Quando o dinheiro não dá, compra a prazo; achando um que tem confiança e vende sem desaforo – “caus-de-duda”, arruma dinheiro emprestado a juro; Deus ajudando, “no instantim” paga, com juro e tudo.

Nesses dias de chuva, é bom ter arroz limpo que chegue, porque, se tiver que levar pra limpar, com chuva, a cavalo ou mesmo a pé, aonde tiver monjolo, ou no ponto do leiteiro, que leva para a máquina na cidade... seja como for, dá trabalho não deixar molhar; e arroz que molha... só por milagre pra não ficar ardido. Comer arroz ardido, só se Deus-livre-guarde não tiver outro recurso, porque o gosto não tem nem explicação, de tão ruim. E socar no pilão? Precisando, soca, mas dá trabalho demais; e acaba quebrando muito, se não for uma pessoa da mão muito boa pra isso. Sendo uma pessoa estabanada, o arroz limpo vira canjiquinha e, depois, na hora de cozinhar, vira grude. Socar arroz no pilão, não é para qualquer um; tem ciência!

Se tivesse atinado, uns dias pra trás, de cortar broto de buriti, podia trançar corda de embira, que tem muita serventia: serve pra peia, rédea, pro balde da cisterna... cordinha fina pros meninos... eles também aprendem a trançar... Mas precisava já ter dado tempo de murchar um pouco essa embira, ou podia molhar na água quente, se não, depois de trançada, a corda bambeia muito.

O que não pode largar pra depois, faz com chuva e tudo. Mas, naquilo que pode, nesses dias de chuva, é bom evitar sair no tempo, por causa da friagem, porque arrisca pegar uma gripe, que pode até virar coisa pior; arrisca também atacar essas dores que só ficam esperando qualquer desculpa para doer – às vezes, basta fazer um jeito de chuva, que uma dor que estava sumida volta.

Melhor de tudo, nesses dias de chuva, é a conversa que rende mais... não fica resumida àquele pedaço de noite, à luz de lamparina e, ainda, a partir de certa hora, para quem devia estar dormindo, escutada pelas metades, passando por cima das traves; depois que a bênção – pedida e dada – fez esse mesmo caminho.

Esses dias de comer o ganhado não costumam durar. Quando muito, inverte uns três dias; às vezes, nem chega a completar um dia inteiro. Muitas vezes, antes de o sol entrar, o sol sai... do meio das nuvens... Se ainda for de meio-dia-para-tarde, dá para aproveitar uns pedaços de hora na roça, se for uma mais de perto, porque, numa de longe, já começa na hora de parar, não paga a pena. Quando o sol sai já quase na hora de entrar, serve mais é para prevenir... para amolar a enxada, ou foice, machado, cutelo... conforme a precisão do momento, porque amanhã vai ser dia de tirar o atraso no serviço. Não ter nada pra fazer ao relento, isso não existe. Se os serviços de lavoura estiverem em dia, e se até os pastos estiverem roçados, tem sempre uma cerca pra consertar, formiga pra matar... uma vaca pra tirar do atoleiro...

Mesmo num dia que amanhece ensolarado, pode muito bem chover: mangadas de chuva, chuvisqueiro, ou até um pé d'água daqueles despejados com a lata. Por isso, sempre é bom fazer um ranchinho no meio da roça. Folha de coqueiro pra cobrir, tem pra todo lado; parece que de bacuri é que dá mais certo. O melhor é fazer o rancho mais no meio mesmo; a não ser quando é uma rocinha acanhada, aí pode ser em qualquer lugar. Quando a roça é grande, se o rancho não ficar mais ou menos no meio, e se começar a chover de uma hora pra outra, até alguém conseguir chegar lá, fica ensopado. De todo jeito, pelo menos algum trem guardado lá não molha, como adubo, por exemplo. O adubo é que deixa uma catinga danada dentro do rancho: ô trem pra feder! Mesmo assim, dentro desses ranchinhos mal afinados, dá gosto ajeitar um banco com a enxada e sentar um tempinho sem fazer nada, prosear... ou prestar atenção nas prosas.

Esconder de chuva é a serventia principal do rancho, mas também dá pra botar alguma melancia aí, pra proteger do sol e carregar pra casa depois... Claro que dá para achar outras sombras por perto, de alguma árvore ou mesmo no meio de touceiras de capim. O Jaraguá, se nada pastar, pode encobrir até uma pessoa grande. Colonião também, quando está vedado, como no caso dessas moitas dentro da roça, chega a ficar mais alto ainda. Mas, também, pra esconder melancia do sol, basta uma touceira mais baixa; não pode é ser muito rala, se não, a melancia esquenta e fica cozida, não presta mais.

Uma coisa que não dá muito certo fazer no rancho é comer, a não ser que esteja chovendo mesmo. Se não, é melhor achar uma sombra; por causa da catinga de adubo, ou até de veneno pra formiga, que costuma ficar lá dentro.

Desses ranchos de roça, alguns são muito bem feitinhos, porque tem gente que capricha até no que não precisa... fica uma beleza mesmo! Dá dó de desmanchar, quando a roça vira pasto outra vez. Mas, de todo jeito, na falta de casa na árvore, onde ninguém nunca fez, ranchinho de roça é *bão demais da conta*, seja caprichado ou mesmo um aranzel qualquer.

Bonito demais de ver, de dentro do rancho, é a chuva caindo no arrozal, a um palmo do nariz da gente.

.....

## Tópico 2

### **MELANCIAS ETC.**

Sobre plantação de melancia, dessas lavouras de encher caminhão, não sei falar. Sei contar é de melancia plantada na roça de arroz.

Em roça de milho, bom de plantar é abóbora. Dependendo do ano, arrisca dar mais abóbora do que milho. Quem quiser ser do contra, plantando melancia no milharal e abóbora no arrozal, provavelmente vai dar com os burros n'água. Um agricultor experiente, e certamente também um agrônomo, poderia explicar melhor. Imagino que tem a ver com sombra e sol: de quanto precisa; de quanto aguenta; de como cada planta cresce – isso parece um pouco com gente, na minha opinião, porque cada um tem o seu jeito de aguentar, de crescer ou minguar, de fazer bonito ou dar fiasco vida afora.

Quanto às abóboras, as verdes fazem fartura em almoço e janta; depois, é abóbora demais da conta que madura. Aí, serve pra fazer algum doce, mas a maior parte vira trato para

os porcos, pra ir controlando com o milho; pode usar um ano inteiro, não apodrece; é só cortar em pedaços e jogar, que eles comem com a boca boa.

Moranga pode plantar também, na roça de milho, mas tem que botar sentido, porque precisa deixar uma boa distância entre pé de abóbora e pé de moranga. Se misturar, não vira uma coisa nem outra. Quer dizer, para os porcos, tanto faz, pois abocanham e engolem qualquer coisa. Mas para quem faz questão de abóbora e de moranga cada qual do seu jeito, pode tirar o cavalinho da chuva, porque não vai prestar.

Voltando à conversa da melancia – sempre um assunto entrevera no outro...

Na roça de arroz, enquanto a rama da melancia cresce esparramada no chão, o pé de arroz cresce pra cima e depois vai fazendo um pouco de sombra para as melancias que vão surgindo, crescendo e madurando; mais no meio do dia, dá sol entre as linhas (na rua) de arroz; se fosse sombra o dia inteirinho, passava da conta.

Falando desse jeito, parece que só tem vantagem, mas muita gente não gosta de plantar melancia no arrozal – porque o povo entra na roça pra procurar melancia... nem todo mundo anda com cuidado... acaba pisando nuns pés de arroz. Conforme o jeito que amassa, ainda endireita outra vez, principalmente se der uma chuvinha, ou até com o sereno mesmo; mas não é sempre que recupera. Então, dá um certo prejuízo, porque o que vende é o arroz; o tanto que sobrar depois de encher a tuaia. Essas melancias não são pra vender e, além disso, precisam ser aproveitadas logo que vão madurando; mesmo que estiverem sobrando, não dá para guardar por muito tempo. Por isso, muita gente fala que plantar melancia no meio do arrozal é andar para trás. Em todo caso, um que não gosta que pise na roça dele, quando chega o tempo de melancia, pode entrar à vontade lá na roça do outro que plantou – tomara que olhe onde pisa.

Pela toada de cada um, quando o arroz está madurando, as melancias já costumam ter acabado; se tiver alguma ainda, os que vão trabalhar na colheita já aproveitam também, ali mesmo e, se animar, leva alguma pra casa. Se de tudo ainda sobrar, se quiser aproveitar tem que ser já, por dois motivos: primeiro, porque, sem os pés de arroz pra fazerem sombra, as melancias começam a amarelar por cima e logo ficarão cozidas; segundo, porque o mais certo é que logo vai ter que botar gado aí nessa palhada e, então, não vai sobrar melancia pra contar a história – o gado nem costuma comer, mas pisa e arrebenta tudo, não por querer, mas por falta de entendimento.

Nas roças de arroz do meu pai, não tem cabimento deixar de plantar melancia: porque muita gente gosta – o povo de casa mesmo, a vizinhança, uns parentes mais de longe que aparecem uma vez na vida... Convém é viver arranjando semente de outras qualidades, experimentando qual fica melhor. Todo ano é isso... arrozal coalhado de melancia: redonda, comprida, de pescoço; de casca verde ou rajada; de semente preta ou vermelha, graúda ou miúda. De vez em quando, a gente engana com alguma semente... dá melancia sem graça, que todo mundo enjeita... Aí, tem que botar sentido, pra não guardar semente dessas. Já basta ter errado a mão uma vez.

.....

**(POSSIVELMENTE, serão disponibilizados outros tópicos.)**